



Transferência cultural ◦ Problemas e conceitos

A noção de transferência cultural

Autor: ESPAGNE, Michel¹
Tradução: MAGRI, Dirceu²

RESUMO

Qualquer passagem de um objeto cultural de um contexto para outro resulta numa transformação do seu significado, numa dinâmica de ressemantização, que só pode ser plenamente reconhecida tendo em conta os vetores históricos da passagem. Pode-se, portanto, dizer desde já que a investigação sobre as transferências culturais diz respeito à maior parte das ciências humanas, mesmo que se tenha desenvolvido a partir de um certo número de pontos de ancoragem precisos. O estudo das transferências culturais leva-nos a relativizar a importância da comparação e, sobretudo, a noção de centro.

PALAVRAS-CHAVE: História das ciências humanas; Transferências culturais; Historiografias transnacionais

MOTS-CLÉS: Histoire des sciences humaines ; Transfert culturel ; Historiographies transnationales

Qualquer passagem de um objeto cultural de um contexto para outro resulta numa transformação do seu significado, numa dinâmica de ressemantização, que só pode ser plenamente reconhecida tendo em conta os vetores históricos da passagem. Pode-se, portanto, dizer desde já que a investigação sobre as transferências culturais diz respeito à maior parte das ciências humanas, mesmo que se tenha desenvolvido a partir de um certo número de pontos de

¹ Ver referências final do artigo.

² Mestre e Doutor em Estudos Linguísticos, Literários e Tradutológicos em Francês, pela Universidade de São Paulo.

ancoragem precisos. Ir para além desta definição minimalista significa fechar um certo número de pistas falsas que o próprio termo parece implicar. Transferir não é transportar, mas sim metamorfosear, e o termo não se reduz de modo algum à questão mal definida e muito banal dos intercâmbios culturais. Não é tanto a circulação de bens culturais como a sua reinterpretação que está em jogo.

A noção de transferência cultural desenvolveu-se no âmbito dos estudos sobre a Alemanha do século XIX e as suas relações com a França (ESPAGNE; WERNER)³. A referência à Alemanha desempenhou um papel estrutural no desenvolvimento das ciências humanas. De Victor Cousin, que estabeleceu um quadro duradouro para a filosofia francesa, inspirando-se nas suas ligações com Hegel e Schelling, até a Jacques Offenbach, cuja música acompanhou as celebrações do Segundo Império, a Alemanha tornou-se parte integrante da vida intelectual francesa. O positivismo e o saint-simonismo não estão isentos de uma penetração que caracteriza os estudos românicos e as ciências da Antiguidade⁴.

Para abordar esta referência, foi necessário, por um lado, tomar consciência de que o conhecimento objetivo do espaço cultural alemão era menos importante do que as remodelações às quais podia dar lugar e, por outro lado, explorar os vetores da tradução. As transferências culturais encontravam-se assim na encruzilhada de uma investigação hermenêutica, centrada na determinação de novos significados, e de uma investigação histórico-sociológica de todos os vetores de transferência entre os dois países. Foi possível reconhecer traços de um conhecimento de Hegel entre os saint-simonianos, observar as reconstruções inteiramente originais a que deram origem e seguir de perto a frequência das universidades prussianas por aqueles que iriam transmitir elementos de conhecimento. A investigação sobre as transferências culturais teve de aceitar que é possível apropriar-se de um objeto cultural e emancipar-se do modelo que ele representa, ou seja, que uma transposição, por mais remota que seja, tem tanta legitimidade como o original. Por conseguinte, nas ciências humanas e sociais, a comparação como princípio suplementar de abertura a espaços diferentes perdeu a sua pertinência e teve de ser substituída pela observação de formas de miscigenação e de hibridismo⁵. Pensar em termos

³ Veja também: <http://geschichte-transnational.clio-online.net/transnat.asp>

⁴ É entre os saint-simonianos que se encontram os primeiros alunos franceses de Hegel. A referência às ciências alemãs da antiguidade na França do século XIX, deve-se, por exemplo, ao monumental esforço de tradução do Simbolismo de Creuzer, por Joseph Guigniaut (1825-1852).

⁵ Por miscigenação convém entender a ressemantização ligada ao encontro de duas entidades culturais que, elas mesmas, resultam de encontros e de ressemantizações anteriores. Veja: Jean-Loup Amselle, *Branchements, Anthropologie de l'universalité des cultures*. Paris: Flammarion, 2001.



de transferências culturais conduzia assim a relativizar a relevância da comparação. Esta tende a opor as entidades umas às outras para ter em conta as suas semelhanças e dissemelhanças, mas têm pouco em conta o observador que compara, que as opõe para as aproximar, que projeta o seu próprio sistema de categorias, cria as oposições que reduz e que geralmente pertence ele mesmo a um dos dois termos de comparação. Baseado principalmente na gramática comparada das línguas indo-europeias, o comparatismo tem os seus limites. Parece particularmente delicado utilizar a história comparada para abordar territórios não europeus e, de modo geral, para relacionar territórios, culturas ou literaturas entre os quais se pressupõe implicitamente uma diferença qualitativa radical.

Do mesmo modo, a categoria de influência, cuja etimologia basta para mostrar a sua dimensão mágica, devia ser substituída por uma abordagem crítica dos contatos historicamente observáveis e das adaptações ou reinterpretações a que esses contatos tinham resultado. As noções de autenticidade na transmissão e de superioridade do original sobre a cópia deviam também ser evitadas. Sabemos que um segundo discípulo de Schelling, Krause, introduziu no mundo hispânico uma escola de pensamento conhecida como "Krausismo", que relegava para a sombra o resto da filosofia alemã e se baseava num conhecimento basicamente superficial dos textos. O fato é que esta forma de pensamento liberal, que marca aliás uma passagem disciplinar da metafísica schellingiana para o pensamento político, é tão legítima como o impulso que lhe deu origem. Não se mede o krausismo pelo seu grau de fidelidade a Schelling, tal como não se julga a tradução de Sófocles por Hölderlin pelo grau de exatidão com que os segmentos textuais foram transpostos. Em última análise, o conhecimento de uma tradição anterior à sua importação e reconstrução pode ser extremamente sucinto.

Todos os grupos sociais susceptíveis de se deslocarem de um espaço nacional ou etnolinguístico, ou religioso para outro podem ser vetores de transferências culturais. Os comerciantes que transportam mercadorias sempre transportaram representações e saberes. Os tradutores, os professores especializados numa área cultural estrangeira, os emigrantes políticos, económicos ou religiosos, os artistas contratados e os mercenários são todos vetores de transferência e as suas diferentes formas de mediação devem ser tidas em conta. Entretanto, pode-se muito bem representar as transferências com base na circulação de objetos como livros ou obras de arte. A história das bibliotecas, da criação de colecções estrangeiras, da distribuição de produtos editoriais e da tradução, bem como a história das colecções e do mercado



transnacional da arte, fazem obviamente parte da investigação sobre as transferências culturais. E quando passamos da mediação humana para a mediação associada aos livros ou aos arquivos, a questão das transferências culturais encontra-se com a da memória. De fato, as bibliotecas e os arquivos, cujos modos de organização merecem muitas vezes que se estabeleça uma história, tendem a reforçar as identidades. Eles são geralmente organizados segundo um princípio de pertinência que corresponde às representações da identidade de um grupo, na maior parte das vezes nacional. Prestar atenção às transferências culturais implica revisar, pelo menos virtualmente, as estruturas da memória coletiva das bibliotecas e dos arquivos, procurando elementos importados que são frequentemente marginalizados. No mais, a mobilização de um elemento de memória estrangeiro não tem nada de acidental. Quando um elemento estranho ao contexto de acolhimento é procurado nos estratos da memória, é geralmente em resposta a uma constelação desse mesmo contexto de recepção. É preciso distinguir entre memória acumulada, ainda não utilizada, e memória efetiva.

Uma transferência cultural nunca ocorre apenas entre duas línguas, dois países ou duas áreas culturais: há quase sempre terceiros envolvidos. Por isso, devemos pensar nas transferências culturais como interações complexas entre vários polos, várias áreas linguísticas. A passagem do Iluminismo francês para a Alemanha é um fenômeno muito limitado se negligenciarmos as suas raízes inglesas e as suas extensões russas. E abordar a cultura russa no tempo de Catarina II é compreender a interação entre o Império Russo, a cultura alemã da imperatriz, o seu interesse pela França e por uma Itália frequentemente vista sob do prisma da literatura francesa. No entanto, embora seja fácil reconhecer lugares de encontro de numerosos espaços culturais, lugares que poderíamos considerar, para usar um neologismo, como “portais de globalização”, a descrição só se pode operar em encontros que envolvem um pequeno número de termos. A representação de intersecções generalizadas permanece inoperante.

Mesmo quando abordamos uma transferência entre dois espaços culturais, não podemos de modo algum considerá-los homogêneos e originais: cada um deles é o resultado de deslocamentos anteriores; cada um tem uma história feita de hibridações sucessivas. É preciso ter isto em conta quando se tenta descrever uma transferência cultural franco-alemã, por exemplo. Nem a Alemanha nem a França são essências. No entanto, por muito discutíveis que sejam estas entidades, a necessidade de uma descrição obriga-nos a supor, por um momento fugaz, a existência de um sistema a que chamaremos Alemanha ou França, helenismo ou latinidade. Mas começaremos imediatamente a mostrar que estas entidades são elaboradas a



partir de importações. A França é a Alemanha, tal como a latinidade é grega ou a escolástica medieval é árabe, o budismo chinês é indiano etc. As áreas culturais, cuja pesquisa sobre as transferências culturais revela as imbricações, são, portanto, configurações provisórias, mas necessárias para a compreensão dos fenômenos de circulação cultural.

De um modo geral, as ciências humanas correspondem a narrativas nacionais, limitadas a espaços linguísticos particulares, que constroem identidades a partir das importações e das reformulações que as acompanham. A revisão sistemática destas construções identitárias oferece à pesquisa sobre as transferências culturais um vasto campo de investigação, cujo horizonte seria uma história transnacional das ciências humanas.

Mesmo se a filosofia, a exemplo das matemáticas, reivindica uma universalidade de princípios, uma independência dos conceitos em relação às línguas que os veiculam, parece que ela se desenvolveu durante o longo século XIX com uma referência alemã, a ideologia laica da Terceira República reivindicando um kantianismo renovado. Naturalmente, nem o Schelling de Ravaisson nem o Hegel de Kojève correspondem aos originais que os seus intérpretes pretendem ser. É do maior interesse determinar o que a sua interpretação acrescenta, mas deve notar-se sobretudo que uma tradição intelectual que pretende constituir uma moral cívica nacional se constrói a partir de referências importadas. Seria difícil pensar a fenomenologia sem importar Husserl, que precedeu outras formas de circulação do que foi desenvolvido a partir do fundamento desta referência. Neste aspecto, a filosofia francesa não é única, e Martial Guérout já se esforçou por sublinhar em que medida Fichte foi influenciado pelos discursos proferidos durante a Revolução Francesa e pelas posições políticas assumidas na França à sua época. Sem dúvida que a tendência de uma franja significativa da filosofia francesa contemporânea para exprimir em inglês uma “filosofia do espírito” que é em grande parte o resultado da tradução inglesa da filosofia austríaca corresponde ao mesmo padrão de construção de uma identidade que se pretende universal com base em um sistema de referências a uma cultura importada - cujos conceitos centrais, além disso, têm raízes linguísticas que são largamente ignoradas.

Na história da arte, um modelo de transferência é fornecido tanto pela aplicação da hermenêutica alemã à Itália como pela procura de elementos de um estrato cronologicamente anterior em um estrato posterior (transferências diacrônicas, por exemplo, a Idade Média no Renascimento). Quando Heinrich Wölfflin aplica à Itália os seus conceitos fundamentais de história da arte, não faz nada mais do que transpor categorias da psicologia alemã para outro espaço (WÖLFFLIN, 1915). Carl Justi não procede de forma muito diferente quando aplica à



arte de Velásquez, ou melhor, ao fenômeno Velázquez no seu tempo, categorias relacionadas com a hermenêutica de Wilhelm Dilthey (JUSTI, 1903). Quando Anton Springer observa vestígios da Antiguidade na arte medieval alemã reinterpretados de acordo com as necessidades de um novo contexto, não faz nada além de analisar uma transferência cultural, e as suas observações servirão de modelo a Aby Warburg, que as leu durante a sua estadia em Florença (SPRINGER, 1867).

Enquanto ciência, a antropologia está particularmente atenta às relações entre as culturas, aos seus contatos e às formas de interpenetração que lhes conferem uma dinâmica. É notável que um dos fundadores da antropologia americana, Franz Boas, era um alemão de Minden que emigrou para os Estados Unidos, onde aplicou ao estudo dos índios da costa oeste, em particular os Kwakiutl, métodos de abordagem diferentes das coleções de canções populares dos irmãos Grimm. Tratava-se de recolher histórias na língua indígena, transcrevê-las pela primeira vez antes de analisá-las e de reconhecer o que elas revelavam sobre as sociedades indígenas. E ao estudar a contaminação entre etnias, Boas procurava observar contatos historicamente reconhecíveis para justificar as recorrências sistêmicas, as homologias estruturais. O seu objetivo não era comparar, mas observar a gênese das imbricações, rastrear as contaminações. Não só o percurso biográfico e intelectual de Boas é um caso notável de transferência cultural, mas o método que desenvolve é particularmente adequado a este fenômeno. E Boas não encarna somente a ideia de transferência cultural na antropologia de uma forma tão marcante, como uma análise cuidadosa da sua obra sob este ângulo é essencial, tal como muitos dos seus discípulos próximos eram emigrantes da Europa germânica que participaram de uma vasta transferência de conhecimentos adquiridos noutros locais para os Estados Unidos. De um modo geral, a ideia, veiculada por Boas, de que a língua é o principal marcador de uma cultura é um legado de Humboldt, cujos vestígios podem ser encontrados em toda a Europa e particularmente na Rússia, onde, através da mediação de Heymann Steinthal e de alguns alunos eslavos, contribui para a base sobre a qual assenta o formalismo linguístico e antropológico. Quando Lévi-Strauss, a quem Jakobson, em particular, se ligou, veio para a América e conheceu Boas, duas formas de transferência fundamentais na antropologia convergiram.

Na literatura, a tônica é colocada nas traduções (que, apesar da sua presença maciça nas livrarias, continuam a ser consideradas um elemento externo, ligeiramente periférico); na articulação entre tradições literárias, nos panteões estrangeiros que cada cultura constrói para si própria (depois de Eugène-Melchior de Vogüé, Tolstoi tornou-se, se não um escritor francês,



pelo menos um escritor central no panteão francês da literatura estrangeira), nos escritores que usam uma língua que não é a sua (do turco de língua alemã Feridun Zaimoglu ao russo de língua francesa Andrei Makine e ao somali de língua inglesa Nuruddin Farah). Nesta perspectiva, a história literária pode ser revista do ponto de vista de continuidades alternativas que têm em conta mais do que apenas elementos nacionais. Stefan George foi profundamente inspirado por Mallarmé, que traduziu, e Hölderlin por Rousseau, pelo que não devemos tentar reconstruir filiações na história da lírica na Alemanha que não tenham em conta estes contributos externos. Mas André Chénier e Schiller seriam, pelas mesmas razões, momentos da literatura russa, e todo o conjunto da história literária teria, portanto, de ser reescrito.

A percepção como as culturas literárias nacionais ou mais alargadas têm umas das outras é determinada pelas ciências de áreas culturais próximas, como a romanística alemã ou a eslavística francesa. Estas ciências são o resultado de um compromisso entre o espaço literário estudado e o horizonte do próprio observador. Além disso, podem ser objetos de importação. Se considerarmos, por exemplo, que a romanística alemã, tal como encarnada por Friedrich Christian Diez, é, pela sua própria abordagem da globalidade das culturas românicas, marcada por uma concepção dos objetos da filologia claramente emprestada de uma tradição alemã, a sua importação para França por Gaston Paris, que a aplicou de forma privilegiada à Idade Média francesa, corresponde a uma reinterpretação do seu próprio objeto, a “românia”.

A análise das histórias literárias sob o ponto de vista das transferências culturais, de que constituem testemunho, é tanto mais significativa porque, em todos os países europeus, são parte integrante da construção das nações. Desde a *Chanson de Roland (A Canção de Rolando)* ao *Dit du prince Igor (O Dito do Príncipe Igor)*, nenhuma nação europeia existe sem este texto fundador – que pode ser encontrado em terras distantes (por exemplo, a *Histoire de Kieu* para a literatura vietnamita, *Le Chevalier à la peau de panthère (O Cavaleiro na pele de pantera)* para a Geórgia, e mesmo na Antiguidade com a epopeia de Gilgamesh). No entanto, é evidente que estas construções estão frequentemente ligadas a importações estrangeiras. O *Kalevipoeg* de Kreutzwald, a epopeia nacional da Estônia, é o resultado do trabalho de filólogos formados numa tradição alemã, pós-herderiana, que também se pode sentir no grande épico finlandês que foi o *Kalevala* de Lönnrot. Há vestígios da poesia ossiânica na interpretação de Friedrich August Wolf da epopeia homérica como obra de todo um povo. A partir da época de Ossian e Herder, o modelo da obra fundadora da nação estabeleceu-se em toda a Europa. Revisitar a história



literária na perspectiva das transferências culturais permite-nos destacar a circulação de modelos que supostamente constituem a base das literaturas nacionais.

Algumas ciências humanas transcendem desde o início as fronteiras nacionais. É o caso, por exemplo, do orientalismo, tal como se desenvolveu desde o início do século XIX: uma revista como a *Journal asiatique* pode ser vista como um veículo franco-alemão de exploração das literaturas e culturas do Próximo Oriente, nomeadamente árabe, turca e persa. Figura central desta nova disciplina, Silvestre de Sacy foi também uma espécie de “praeceptor Germaniae” dos estudos orientais, uma vez que a maioria dos titulares de cadeiras de estudos orientais na primeira metade do século XIX foram seus alunos. É como se a França e a Alemanha, às quais poderíamos facilmente acrescentar a Inglaterra, a Itália e a Rússia, tivessem abandonado a ambição de construir ciências separadas do Oriente e tivessem procurado ter uma percepção comum do mesmo, baseada num compromisso entre, por um lado, o seu objeto em toda a sua complexidade e diversidade e, por outro, o seu próprio quadro conceitual.

A pesquisa sobre as transferências faz parte das historiografias culturais transnacionais. Mas isso não significa que se limite à análise das imbricações dos espaços nacionais na Europa moderna. Ela pode muito bem encontrar outros campos de aplicação. A apropriação pela corte do imperador da China das matemáticas europeias, tais como foram transmitidas pelos missionários jesuítas para se tornarem um sinal de poder no Extremo Oriente, inscreve-se perfeitamente no fenômeno da transferência cultural, assim como o papel desempenhado pela Prússia na reforma da sociedade japonesa durante a era Meiji. Na Antiguidade, mais ainda do que nos tempos modernos, o Império Romano e o mundo grego eram geralmente considerados como entidades homogêneas. Ora, há muito a arqueologia tem observado os fenômenos da miscigenação; esteve à procura de passagens difíceis de definir entre o Egito e a Grécia, entre a matemática mesopotâmica e a matemática grega. Uma mudança de perspectiva poderia levar-nos a considerar a Antiguidade Clássica como o quadro de uma cadeia de reapropriações de elementos específicos das culturas que rodeiam o Mediterrâneo. Nas costas da atual Turquia, as cidades gregas eram também povoadas por povos carianos⁶, lícios⁷ ou lídios⁸ aculturados, e os vestígios arqueológicos das cidades hititas da Anatólia mostram a presença de colônias mesopotâmicas estrangeiras. As imbricações de culturas não é uma via de sentido único. O

⁶ Homero se refere ao povo de Mileto (localizada na costa ocidental da península da Anatólia, na atual Turquia) por Carianos. – (Nota do tradutor)

⁷ Natural da Lícia, na Anatólia, Ásia Menor. – (Nota do tradutor)

⁸ Natural da Lídia, também na Anatólia, Ásia Menor. – (Nota do tradutor)



encontro entre as culturas da Antiguidade Clássica e os povos situados na sua periferia levou também ao aparecimento de novas entidades, desde a Bácia e a Sogdiana greco-irano-budista⁹ até à cultura galo-romana.

Que a história arcaica das sociedades sobre as quais se funda a autopercepção da Europa moderna seja feita de transferências, isso já legitimou os questionamentos da dominação europeia. Os trabalhos de Cheikh Anta Diop sobre o Egito Negro (*Nations nègres et culture*, 1954), apoiados pelas hipóteses da *Black Athena* de Martin Bernal, visava essencialmente identificar, no início da descolonização, uma herança africana arcaica no coração da civilização europeia. A questão das transferências culturais pode, portanto, incluir uma parte das abordagens pós-coloniais. Mas não pode reduzir-se a elas. Quando um medievalista sublinha o fato de o misticismo alemão encarnado por Mestre Eckhart ter tomado de empréstimo a sua teoria do intelecto de Averróes (FLASCH, 2008) e de o desvio da filosofia grega através do pensamento islâmico ter-se tornado um tema clássico dos estudos gregos (BÜTTGEN, 2009), não se trata de pós-colonialismo, mas sim da circulação de sistemas conceituais que, em função do contexto de recepção, modificam o seu significado¹⁰.

A historiografia das transferências culturais relativiza principalmente a noção de centro. É claro que a história, a partir do momento em que ultrapassa os limites da nação ou da área cultural de onde emana para incluir círculos concêntricos mais alargados, considera que as referências específicas da área cultural a que pertence são centrais. Quando as histórias universais começaram a ser escritas na Universidade de Göttingen, no último terço do século XVIII (MARINO, 1995; BÖDEKER, BÜTTGEN, ESPAGNE, 2010), e a Arábia, a Índia e a China foram incluídas nesta varredura global da história humana, a Europa foi considerada como estando no centro, e quando as culturas periféricas entraram na história, passaram a fazer parte de um todo cujo centro estava claramente determinado: o europeu. Não podemos deixar de pensar que a própria “global history” se estrutura a partir de um centro anglo-saxônico. Outros centros podem ter existido ao longo da história. Pensemos no Império do Meio e na exigência dos imperadores chineses em matéria de cartografia: que a China fosse representada no centro dos mapas do mundo conhecido. Pensemos no hábito da Turquia kemalista de desenhar mapas

⁹ Algumas línguas mortas da Ásia Central (sogdiana, tocariana) praticamente só são comprovadas por *corpus* de traduções a partir de outras línguas.

¹⁰ As explicações platônicas utilizadas por Garcilaso de la Vega para descrever sua cultura original resulta em uma dupla projeção: a das categorias platônicas sobre a história do povo Inca, e a dos exemplos Incas para reforçar um modelo platônico. Veja: Carmen Bernand, *Un Inca platonicien, Garcilaso de la Vega*. Paris: Fayard, 2010.



do mundo com a Anatólia no centro, ela própria no meio de um mundo turco equidistante, de um lado, da Argélia e, do outro, da Ásia Central (COPEAUX, 2000). O questionamento dos centros é um elemento fundamental da pesquisa sobre as transferências culturais.

A relatividade radical do centro de perspectiva faz com que o global e o particular coincidam, sendo cada particularidade creditada com o seu próprio acesso ao global. Há lugares onde esta coincidência é facilitada: centros urbanos, universidades, bibliotecas, que podem ser vistos como “portais para a globalidade”. Estudar estes lugares (teremos o cuidado de não fazer uma lista exaustiva) é obviamente uma tarefa importante na pesquisa sobre transferências. Poderíamos pensar num lugar como a biblioteca de Göttingen, a principal biblioteca dos países de língua alemã e o primeiro centro a recolher toda a literatura científica em francês, inglês, italiano, russo e alemão a partir de meados do século XVIII, a fim de alimentar o ensino que pretendia ser uma ciência universal do homem. Vilnius/Wilna/Wilno, por exemplo, era ao mesmo tempo uma cidade judaica, alemã, polaca, lituana, karaita e russa, um local de difusão da cultura judaica e de emergência da literatura nacional polaca e, mais tarde, lituana. Estes “portais para a globalidade” associam as transferências culturais à categoria de lugar.

Uma transferência cultural é por vezes uma tradução. Basta olhar para uma edição de um romance numa língua qualquer e para a sua tradução em uma outra língua, observar o discurso que acompanha as contracapas, as ilustrações, os formatos, o efeito contextual das séries e até a tipografia, para ver que uma tradução não é de modo algum equivalente. E menos ainda quando não se declara como tal, mas se inspira simplesmente em um original, como certos autores latinos se inspiraram em originais gregos. Lucrécio não é certamente um equivalente de Demócrito. A tradução põe em evidência o fato de os conceitos estarem enraizados em contextos semânticos e que o deslocamento do contexto semântico associado à tradução representa uma nova construção de sentido. Mas a tradução é também objeto de investigação da sociologia histórica ou da história do livro, que se baseiam obviamente nas pesquisas relacionadas às transferências culturais. O estudo prosopográfico dos tradutores levanta questões sobre os modos de aquisição das línguas, sobre os critérios a partir dos quais se opera a escolha dos livros a transpor. É importante analisar a estratégia das editoras, o seu funcionamento e a reação às obras traduzidas. Desde a tradução da *Septante*¹¹ às primeiras traduções de Kant no século XIX, que combinavam, com grande dificuldade, uma abordagem do texto alemão, a versão hermética latina de Friedrich Gottlieb Born e a versão italiana de

¹¹ Ou *Septuaginta*; tradução em etapas da Bíblia hebraica para o grego koiné. – (Nota do tradutor)

Vincenzo Mantovani, a análise não linguística do fenômeno das traduções é uma das principais linhas de investigação sobre as transferências culturais.

Esta pesquisa oferece um acesso à compreensão, se não da história global, pelo menos das grandes configurações transnacionais, articulando a descrição do particular e do universal. O global deve ser observado a partir de casos muito específicos, ou mesmo de singularidades. A acuidade do filólogo ou do geneticista que observa a sucessão de dois estratos textuais, de duas variantes, acompanha e corrige a reflexão sobre a circum-navegação das noções. Nenhum planisfério pode passar sem o desenho dos rios e das costas. É da pluralidade das línguas que se podem deduzir os desvios semânticos das traduções. Mais uma teoria em progresso do que uma tentativa de doutrina, a pesquisa sobre as transferências culturais pode conduzir a um novo ponto de vista sobre as ciências humanas e sociais.

REFERÊNCIAS

- AMSELLE, Jean-Loup. *Branchements. Anthropologie de l'universalité des cultures*. Paris: Flammarion, 2001.
- BERNAND, Carmen. *Un Inca platonicien. Garcilaso de la Vega*. Paris: Fayard, 2005.
- BÖDEKER, Hans-Erich; BÜTTGEN, Philippe; ESPAGNE, Michel (éd.). *Göttingen vers 1800. L'Europe des sciences de l'homme*. Paris: Le Cerf, 2010.
- BÜTTGEN, Philippe; LIBERA, Alain de; RASCHED, Marwan; ROSIER-CATACH, Irène (éd.). *Les Grecs, les Arabes et nous. Enquête sur l'islamophobie savante*. Paris: Fayard, 2009.
- COPEAUX, Étienne. *Une vision turque du monde à travers les cartes de 1931 à nos jours*. Paris: CNRS Éditions, 2000.
- ESPAGNE, Michel; WERNER, Michael. (Textos reunidos e apresentados por). *Transferts. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand (XVIII^e-XIX^e)*. Paris : Éditions recherche sur les Civilisations, 1988.
- ESPAGNE, Michel. *Les Transferts culturels franco-allemands*. Paris: PUF, 1999.
- FLASCH, Kurt. *D'Averroès à Maître Eckhart, Les sources arabes de la « mystique » allemande*. Paris: Vrin, 2008.
- JUSTI, Carl. *Velazquez und sein Jahrhundert*. Bonn: Cohen, 1903.
- MARINO, Luigi. *Praeceptores Germaniae: Göttingen 1770-1820*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995



SPRINGER, Anton. *Bilder aus der neueren Kunstgeschichte*. Bonn: A. Marcus, 1867.

WÖLFFLIN, Heinrich. *Kunstgeschichtliche Grundbegriffe*. Munich: Bruckmann, 1915.

Para citar este artigo

Referência eletrônica:

Michel Espagne, « La notion de transfert culturel », *Revue Sciences/Lettres* [En ligne], 1 | 2013, mis en ligne le 18 avril 2013, consulté le 22 avril 2015. URL : <http://rsl.revues.org/219> ; DOI : 10.4000/rsl.219

Autor

Michel Espagne

Diretor de pesquisa CNRS, Diretor do L'UMR 8547 Pays germaniques : transferts culturels/archives Husserl. Responsable de l'équipe "Transferts culturels"

Entre as publicações: *Les Transferts culturels franco-allemands*, Paris, PUF, 1999. *L'Histoire de l'art comme transfert culturel*, Paris, Belin, 2009. Avec Michael Werner (textes réunis et présentés par), *Transferts. Les relations interculturelles dans l'espace franco-allemand (XVIII^e-XIX^e siècles)*, Paris, Éditions Recherche sur les Civilisations, 1988. Avec Hans-Erich Bödeker et Philippe Büttgen (éd.), *Göttingen vers 1800. L'Europe des sciences de l'homme*, Paris, Le Cerf, 2010. [ompleto]

Publicado na *Revue Sciences/Lettres*, [1 | 2013](#)

Direitos autorais

© Revue Sciences/Lettres

Tradução

Dirceu Magri